

Estudos de mídia e fronteiras: contribuições do método cartográfico para o avanço epistemológico no campo da Comunicação

Karla Maria Müller, Dulce Mazer & Thaís Leobeth

RESUMO

O texto apresenta resultados parciais da pesquisa “Mídia e Fronteiras – Cartografia dos Estudos no Brasil”, sobretudo quanto ao emprego da cartografia como método de investigação. Tem o objetivo de refletir sobre os procedimentos empregados para análise do conjunto dos estudos de mídia e fronteiras, que são aqui representados pelas teses e dissertações concluídas no campo da Comunicação em nível nacional, desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação brasileiros e publicadas entre 2000 e 2015. São observados avanços importantes no período, no que tange às investigações que abordam a temática, aspecto que se reflete com evidência no aumento do número de estudos. Os resultados apresentados dizem respeito aos levantamentos iniciais, que propiciam a identificação de espaços, temas e conceitos, e servem para refletir sobre o uso da cartografia para o avanço epistemológico e a consolidação dos estudos no campo da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia e Fronteiras, Cartografia, Metodologia de pesquisa.

INTRODUÇÃO

Caracterizadas como espaços de diversidade social, econômica, política e cultural, as regiões de fronteira possibilitam a ocorrência de variados fenômenos representativos de um período histórico passado, mantido através da língua, da história e de costumes (RADDATZ, 2009). Além disso, outras questões contemporâneas vão sendo pautadas como próprias de fronteiras,

através de processos comunicacionais tais como a representação e o agendamento midiático.

Nesses espaços singulares, por um lado, a mídia local se configura como elemento de interação e desperta o interesse de estudiosos para as características de atuação e estrutura desses meios de comunicação, já que “a mídia de fronteira funciona como a representação concreta das relações que se estabelecem na sociedade, a partir dos interesses e desejos desta, decorrentes das crises, conflitos e necessidades que se criam no dia a dia da vizinhança” (MÜLLER et al, 2010, p. 124). Por outro lado, a realidade dinâmica e peculiar da fronteira se caracteriza em pauta para a mídia de abrangência regional ou nacional, o que desperta o interesse de pesquisadores para a abordagem elaborada em âmbito geográfico distante desses espaços, como se verifica nos resultados iniciais da pesquisa “Mídia e Fronteiras - Cartografia dos Estudos no Brasil” (MÜLLER et al, 2017).

As fronteiras internacionais têm sido alvo de estudos do campo da Comunicação, especialmente a partir dos anos 2000, quando se verifica ampliação do interesse pelo tema refletido na quantidade de trabalhos acadêmicos (LEOBETH, 2018; MÜLLER et al, 2017). Esse movimento indicou a necessidade de se aprofundar nas produções acadêmicas para identificação de avanços e tendências das investigações acerca do tema em termos teóricos, metodológicos, objetos de análise, recortes espaciais e temporais, bem como outras características (MÜLLER et al, 2017).

Assim, o artigo propõe uma reflexão sobre metodologia na pesquisa em Comunicação, a partir de um processo investigativo marcado por rupturas e vigilância epistemológica, um dinamismo científico que alterna entre o conhecimento apriorístico e aquele *a posteriori* (BACHELARD, 2001). Advém da experiência com a pesquisa “Mídia e Fronteiras – Cartografia dos Estudos no Brasil”, realizada desde 2015, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). A investigação tem forte aproximação com o projeto Unbral Fronteiras, representado por um grupo multidisciplinar de pesquisadores focados na compilação dos Estudos Fronteiriços, com a preocupação em disponibilizar os resultados em um repositório de livre acesso, o *Portal Unbral Fronteiras*¹.

Entre as questões de delineamento do texto, tem-se a compreensão de que a metodologia é a dimensão que norteia, direciona a construção da pesquisa em seus distintos níveis. Na *instância epistemológica* (LOPES, 1990), a vigilância crítica do campo aponta para a necessidade de não apenas questionar a própria noção de fronteiras, como em compreender sua inflexão no campo específico da Comunicação a partir de objetos que versem sobre processos comunicacionais e midiáticos. Uma vez que o método configura o objeto científico, assim como o conhecimento produzido a partir dele (BACHELARD, 2001), na *instância metódica* (LOPES, 1990) são considerados os procedimentos que orientam a prática investigativa de forma consciente, a fim de refletir sobre o processo de construção de conhecimento no campo a partir dos estudos realizados no próprio campo. Caracteriza-se pelo que vem sendo denominado “pesquisa da pesquisa” (BONIN, 2008), ou seja, dedica-se a compreender o desenvolvimento científico da Comunicação a partir da perspectiva temática adotada em textos de autores diversos, a fim de formar um mapa epistemológico e conceitual. Tem como orientação a ideia de que a justaposição de mapas específicos de conhecimento colaboram para a estruturação mais ampla de um panorama da Comunicação e a fortalecem como disciplina e campo de pesquisa. Nesse sentido, o texto apresenta uma reflexão sobre a abordagem cartográfica como método de investigação no campo da Comunicação para os estudos sobre mídia e fronteiras. O objetivo do artigo é, a partir de uma

1 Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras.
<<http://unbral.nuvem.ufrgs.br/portal/>>

reflexão sobre a abordagem metodológica adotada empregada na pesquisa “Mídia e Fronteiras – Cartografia dos Estudos no Brasil”, apontar avanços e percalços investigativos para a construção de um conhecimento específico no campo da Comunicação.

Tendo o conceito de cartografia como orientação metodológica, o resultado metódico apresentado é o mapeamento de teses e dissertações do período de 2000 a 2015, considerando os 46 Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Comunicação² de universidades brasileiras públicas e privadas. O recorte estabelecido inclui estudos que compreendem as fronteiras geográficas e culturais, ou seja, envolve aquelas que não se limitam a nação/nações, ou ao espaço físico fronteiriço. Dessa forma, inclui estudos fronteiriços que “remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, ao ethos, valores significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e idéias” (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Como avanço, propõe pensar como o método cartográfico colabora para o desenvolvimento do campo e do próprio fazer investigativo na intersecção entre comunicação, mídia e fronteiras. Para tanto, são apresentados conceitos norteadores da cartografia, a arquitetura metodológica da pesquisa, com o cuidado de estabelecer paralelos sobre os procedimentos da investigação e os resultados apontados até o momento sobre espaços fronteiriços e mídias contemplados nas pesquisas.

Há ainda que se considerar que os estudos sobre fronteiras têm a prerrogativa de lidar com as limitações espaciais, culturais, o que pode causar certa confusão quando se fala em mapas. A noção de fronteira em si já faz referências a diagramas espaciais, territoriais. A fronteira, no entanto, não se limita às barreiras, mas, se manifesta através de pontos de encontro ou “zonas de contato”

² Segundo lista da Compós (2016), eram 45 os PPGs em Comunicação no período da coleta do *corpus*. Junta-se a estes mais um programa encontrado pela Plataforma Supcupira (Capes, 2016), não filiado à Compós.

(BURKE, 2006). Mas o mapeamento que se propõe aqui não se refere às bordas, divisas e barreiras fronteiriças. Refere-se ao conteúdo, tais como objetos, conceitos, meios e fronteiras estudados, congruências e distanciamentos entre os autores que vão formando um panorama destes estudos no Campo da Comunicação. De forma que deve haver uma clara definição do método cartográfico empregado como aquele que elabora mapas relacionais dos conteúdos interdisciplinares entre Comunicação, mídia e fronteiras.

CARTOGRAFIA COMO MÉTODO PARA OS ESTUDOS DE MÍDIA E FRONTEIRAS

O reconhecimento das operações em um campo científico não é tarefa simples, e, talvez por isso seja tão raro encontrar explorações dessa ordem no campo da Comunicação (CÁCERES, 2011). Apesar disso, vemos crescer no país a pesquisa que se encarrega do Estado da Arte, ou estado de questões essenciais ao campo e outros levantamentos epistemológicos. Mapeamentos e cartografias compõem o quadro mais amplo de sistematização que vêm sendo empreendida em distintas áreas do conhecimento, disciplinas, grupos de trabalho.

Nesse conjunto de investidas, a cartografia tem sido empregada na Comunicação em distintos modos de escanear estudos e os próprios objetos e fenômenos comunicacionais (MAZER, 2017). Tais empreitadas recuperam as potencialidades da cartografia e aportes teóricos de De Certeau (1994), Martín-Barbero (2004), Benjamin (2008), Deleuze e Guattari (2015) e Latour (2012), entre outros, contribuindo principalmente para o exercício de “deriva”, das passagens, da organização mental de mapas, da compreensão das “artes do fazer”.

A epistemologia de uma disciplina se refere a uma dimensão constitutiva interna, fundamental, da própria Academia, em que

seus agentes qualificados e interessados refletem a respeito da construção teórica e metodológica de seu avanço científico e, a partir de sua produção, dão sentido à construção de um marco epistemológico, segundo Fuentes Navarro (2003). Assim, a cartografia é um modo de operar epistemologicamente, uma vez que acumula contribuições teóricas e metodológicas para um reconhecimento e uma organização coerentes do conhecimento que vem sendo produzido, no caso deste trabalho, no campo da Comunicação, de forma inventiva para o reconhecimento de um panorama conceitual.

A cartografia se mostra pertinente à investigação em andamento justamente por dar a conhecer “zonas sobrepostas, interligadas, ou que se distanciam, mas que se afetam e provocam deslocamentos nas áreas observadas” (MARTIN et al, 2016, p. 249) do conhecimento produzido. Isso porque, através do método, busca-se estabelecer conexões, distanciamentos, evidenciar espaços de concentração ou lacunas teóricas ou conceituais entre os materiais consultados, exercício mais que necessário em estudos interdisciplinares. Ainda que constituídas por vieses trãs ou multidisciplinares, a cartografia dos estudos de mídia e fronteiras colabora na construção de sentido daquilo que é propriamente comunicacional nessa intersecção. Sua principal contribuição, no estudo em andamento, é a construção epistemológica em torno de uma confluência temática que vem crescendo, como constatado por Müller (2017) e Leobeth (2018).

Retomando a questão, alguns usos da cartografia como construto metódico têm se mostrado recorrentes nos estudos em comunicação e cultura (MAZER, 2017) e merecem ser comentados. O primeiro se orienta pela perspectiva das mediações, com Martín-Barbero (2004), que a partir de 1983, propôs pensar em um *mapa noturno* que buscasse reordenar os estudos dos meios desde a investigação de matrizes culturais, espaços sociais e operações comunicacionais. Desse modo, o ofício do cartógrafo se coloca como o exercício metódico de retomar a perspectiva histórica latino-

americana num campo de pesquisa ainda jovem. Como metáfora do percurso cartográfico, tem-se um mapa em elaboração para o reconhecimento do estado das coisas desde as mediações e os sujeitos. Nos estudos em que é empregado, coloca em evidência as mediações comunicativas da cultura. A principal formulação para o método cartográfico a partir dessa teoria é a necessidade de se estabelecer um percurso investigativo orientado para a construção de conhecimento a partir daquilo que o próprio campo oferece como realidade e explorar características próprias na formulação de um mapa, um panorama de leitura.

Outra aplicação do método cartográfico na Comunicação é orientada pelo “guia de viagem”, desde o qual Latour (2012) aponta como vantagem sobre o discurso do método a possibilidade de exploração metódica, já que o guia “não pode ser confundido com o território ao qual está meramente sobreposto” (2012, p. 38). Ou seja, as investigações sobre um mesmo problema não se dão de modo dirigido, mas de modo construcionista (tanto do método, como do território) em relação ao mapa que se coloca como passível de exploração. Daí se origina o entendimento do cartógrafo como aquele que desenvolve o próprio roteiro na produção de conhecimento.

Outra apropriação interessante da cartografia como método, apesar de não ter sido denominada como tal, é a retórica do passeio, que faz referência às passagens no percurso, eternizada na alegoria do poeta *flâneur* Baudelaire e mais tarde refletido por Benjamin (2007). De certa forma, ela também está presente nas teorias mencionadas anteriormente. A principal contribuição ao método cartográfico é a noção de apreciação no percurso, ou seja, da necessidade de investigar um problema observando sua trajetória e a do próprio pesquisador, buscando articular informações pertinentes com o avanço do espaço e do tempo.

Bastante citados em estudos cartográficos, principalmente a partir da obra *Mil platôs* (1995), Deleuze e Guattari são retomados

na busca de uma referência filosófica entre mapas e diagramas como relações processuais, pois a compreensão de suas estruturas se dá na observação dos processos. De modo que as estratégias metodológicas da pesquisa também são construídas ao longo de processos investigativos amplos (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009), deixando o pesquisador livre para construir o método, mas igualmente focando na processualidade como modo de compreender estruturas, elaborar construtos e materializar ideias a partir de mapas.

Os distintos modos de pensar a cartografia se consolidam sob diferentes aportes teóricos. No entanto, observa-se que as perspectivas mencionadas têm em comum o olhar do investigador em movimento que pode construir um mapa mental orgânico, mutante, movente e fragmentário (MAZER, 2017), a partir das informações coletadas como imagens da realidade encontrada. É no percurso investigativo que se constroem esses mapas. No caso da pesquisa em desenvolvimento, como todo método, a cartografia é orientada por vieses paradigmáticos, sobretudo o construcionista, mesclando as teorias apontadas como forma de reconhecer que os mapas de conhecimento são construídos com o pesquisador em movimento pelo campo estudado, em conjunto com a produção de outros pesquisadores.

Enquanto apreciação de pesquisas sobre mídia e fronteiras no Brasil, o mapeamento é pautado a partir de necessidades de reconhecimento específicas, como as abordagens metodológicas, os aportes teóricos, regiões e tipos de mídias estudados e de fronteiras abarcados e outras formas de contribuição das pesquisas investigadas. É um exercício de dar a conhecer o campo a partir de um mapa conceitual, mas que parte de um pesquisador ou grupo específico, apontando aquilo que se reconhece como ciência para legitimação dos pares, requerendo, portanto, a partilha do conhecimento construído. Por isso é tão difícil validar as características tomadas como particulares em um determinado

campo ou tema interdisciplinar de pesquisa. Para deixar mais evidente o posicionamento da pesquisa em questão, são apontados seus procedimentos.

PROCESSUALIDADES CARTOGRÁFICAS

Cartografar, na perspectiva adotada, é uma operação mais ampla que levantar ou construir dados, ou seja, é mais abrangente que construir o *corpus* da pesquisa, uma vez que o mapeamento, ou a cartografia dos estudos, nos leva a uma reflexão sobre o campo. De todo modo, o percurso parte da construção de um banco de dados para posterior formulação de inferências. Na busca por teses e dissertações pertinentes aos objetivos da pesquisa, o ponto de partida foi a identificação dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) existentes no Brasil no ano de 2016, segundo duas organizações importantes para o campo. Chegou-se a 45 PPGs vinculados à Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS, 2016) e um Programa³ identificado através da Plataforma Sucupira (CAPES, 2016), que em 2016 não era filiado à Compós.

Identificados os PPGs, tratou-se de construir o *corpus* da pesquisa a partir de algumas palavras-chave eleitas como filtro de busca nos portais institucionais, como sites e repositórios das universidades, bem como na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)⁴. O foco recaiu sobre o radical *front* e o termo *fronteira*, bem como as derivações *fronteiras*, *fronteiriço*, *fronteiriça* em campos disponíveis para busca (título, assunto, palavras-chave, resumo etc) de teses e dissertações produzidas entre 2000 e 2015.

³ Trata-se do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atualmente associado à Compós.

⁴ A BDTD integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa e dá acesso a teses e dissertações brasileiras. <bdtd.ibict.br>

O recorte se justifica pelo aumento do interesse no tema desde o início da década (LEOBETH, 2018; MÜLLER et al, 2017).

Há muitos desafios em torno da busca nos repositórios digitais como primeiro processo no levantamento de dados, principalmente quanto à diversidade de estrutura dos sites, na sistemática diferenciada na publicação das produções e na própria estrutura dos trabalhos, por exemplo, sem palavras-chave. Outro fator importante é a disponibilidade das produções no ambiente digital e inclui apenas documentos que na ocasião da busca encontravam-se em acesso aberto em seus respectivos repositórios.

O levantamento resultou em 25 produções acadêmicas, divididas em 15 dissertações e dez teses, dedicadas a fenômenos geográficos e culturais relacionados a mídia e fronteiras. Os trabalhos foram sistematizados em uma planilha, cuja descrição inicial incluía título, resumo, autor e palavras-chave. Durante o processo de organização do material, firmou-se parceria com o projeto Unbral Fronteiras⁵ e passou-se à ampliação dos dados de cada documento, compreendendo exigências previstas pela publicação no referido repositório. O Unbral realiza o georreferenciamento das produções, o que resultou em grande volume de dados e questões específicas relacionadas à origem das produções e zonas de interesse nos trabalhos, de modo que os dados coletados permitem uma análise horizontal das produções, indicando modos de constituir o campo de estudos.

De modo geral, o processo foi favorável ao aprofundamento das características das teses e dissertações mapeadas (MÜLLER et al, 2017), abrindo-se a possibilidade de sistematizar o que vem

⁵ A configuração final da planilha compõe-se de título, autor, assunto, descrição, editor, fonte, colaborador, data, tipo, idioma, formato, abrangência, direitos, identificador, temporal, local de publicação e nota. O resultado do mapeamento encontra-se disponível no Portal Unbral Fronteiras. <<http://unbral.nuvem.ufrgs.br/site/>> e as teses e dissertações que compõem o corpus do estudo podem ser encontradas na seção Projeto Mídia e Fronteiras. <<http://unbral.nuvem.ufrgs.br/portal/projeto--mdia-e-fronteiras>>

sendo pesquisado (e produzido) sobre fenômenos fronteiriços, assim como sobre o modo como eles estão presentes nas mídias locais e são retratados em meios de comunicação de abrangência regional e nacional.

Além do exposto, a análise de dissertações e teses voltadas aos Estudos Fronteiriços implica na revisão documental da produção de pesquisadores em formação (mestrandos e doutorandos), por isso cabem duas ressalvas. Primeiramente, reconhece-se que a constituição de um campo de pesquisa vai além da produção de acadêmicos em formação. Ela compreende a prática de pesquisadores experientes, mas que se envolvem diretamente com o *corpus*, uma vez que a partir de suas trajetórias e pesquisas, orientam os trabalhos mapeados. Em segundo, a construção dos dados aqui se dá a partir do campo da Comunicação, sendo importante ressaltar que há distintas formas de abordar os objetos estudados no encontro entre mídia e fronteiras em outros campos. Observa-se ainda que a pesquisa interdisciplinar nesse âmbito (pós-graduandos) nem sempre está ciente do panorama em outras disciplinas, portanto, por vezes se limita a compreender a problemática estudada.

Isso exposto, são apresentadas algumas reflexões sobre o método cartográfico nos primeiros resultados da pesquisa.

RESULTADOS DO MÉTODO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA

Algumas categorias de análise e dados coletados (título, autor, assunto, descrição, abrangência etc.) resultam em uma leitura que aponta características importantes sobre os estudos. Com a investigação, foi possível identificar espaços, temas e conceitos que têm recebido maior atenção e outros que ainda estão por ser estudados. No presente texto, o enfoque recai sobre as razões pelas quais alguns espaços fronteiriços são mais trabalhados nas pesquisas do campo da Comunicação. A própria característica

geográfica brasileira, com zonas de fronteira de maior e menor interação, bem como a distribuição das instituições de ensino, dos recursos, dos PPGs e grupos de pesquisa, por exemplo, são fatores que incidem nessa distribuição espacial.

Assim, passa-se a uma descrição quantitativa, baseada nas categorias observadas no *corpus* e posteriormente desenvolve-se uma análise qualitativa. É importante destacar que os dados quantitativos têm uma função de base para a abordagem qualitativa acerca das produções, de modo que as proposições partem dos números apontados pelo estudo para um exercício de interpretação.

A pesquisa revela que as fronteiras internacionais brasileiras compreendidas na extensão territorial da Bolívia ao Uruguai configuram-se como objeto de maior interesse dos pesquisadores, visto que o número de trabalhos que se dedicam a esse espaço é maior entre os textos analisados. Quatro produções fazem referência a espaços que vão do Peru à Guiana Francesa, ou seja, trata-se de fronteiras pouco exploradas pelo viés da pesquisa acadêmica em Comunicação. Ao todo, esses trabalhos envolvem seis países vizinhos do Brasil referenciados nas teses e dissertações analisadas (MÜLLER et al, 2017).

Os estados brasileiros de Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul são as unidades da Federação que se destacam como territórios de interesse dos estudos no que tange a fenômenos midiáticos e fronteiriços. Outros quatro estados complementam esse mapa - Acre, Mato Grosso, Paraná e Rondônia (MÜLLER et al, 2017). Dos 38 municípios fronteiriços citados nas produções, 20 são brasileiros, oito são uruguayos, sete são argentinos, dois paraguayos e outros dois bolivianos. Nesse conjunto, quatro zonas de interação fronteiriça se destacam: a fronteira do Brasil com o Uruguai, através das cidades-gêmeas Sant'Ana do Livramento e Rivera é abordada em sete, das 25 produções mapeadas; na sequência, a fronteira gaúcha com a Argentina através dos municípios de Uruguaiana (brasileiro) e Paso de los Libres (argentino) está em cinco trabalhos;

e, completam esse grupo, quatro cidades-gêmeas de Brasil e Paraguai, que são Ponta Porã e Pedro Juan Caballero e Corumbá e Puerto Quijarro, cada par com três estudos.

Os dados apontam para a concentração de estudos em espaços fronteiriços do extremo sul do Brasil, que abriga doze das trinta e duas⁶ cidades-gêmeas da faixa fronteiriça brasileira, e no Centro-Oeste do país, através do estado de Mato Grosso do Sul com sete cidades-gêmeas. Essa característica pode ser um fator que explica a recorrência de estudos científicos com fenômenos desses espaços, visto que, conforme Machado et al (2005, p. 95), caracterizam-se como a territorialidade mais evoluída da zona de fronteira, que é “um espaço de interação, uma paisagem específica, um espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, e por fluxos e interações transfronteiriças”. Segundo o Ministério da Integração Nacional, as cidades-gêmeas são cortadas pela linha de fronteira, podendo ser seca ou fluvial, com articulação de infraestrutura ou não, com grande potencial para integração econômica e cultural, conurbada ou semi-conurbada com uma cidade do país vizinho, com população superior a 2000 mil habitantes, e com “manifestações “condensadas” dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania” (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2016, p. 12).

O grau de interação que configura a convivência de brasileiros e uruguaios, cuja influência está ancorada em questões históricas da formação cultural dos seus habitantes, bem como do estabelecimento dos limites estatais de ambos os países, corresponde a um ambiente dinâmico e instigante. Essa realidade pode ser atribuída à ausência de obstáculos naturais na linha de fronteira. E, nesse contexto, a mídia local se configura como fenômeno comunicacional importante,

⁶ Estabelecido pelo Ministério da Integração Nacional e publicado no Diário Oficial da União em 20/07/2016: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=12&data=20/07/2016>

bem como o cotidiano dos fronteiriços atrai a mídia de circulação regional e nacional, produzida no centro do país.

Diferentemente, a porção norte do país é pouco explorada nos estudos do campo da Comunicação acerca de mídia e fronteiras. Essa realidade pode estar atrelada às características populacionais e de vegetação de mata que configuram esses espaços, bem como ao menor desenvolvimento econômico da região, em relação às demais zonas, ou ainda pelo baixo investimento em programas de investigação que cubram essa região do país. Assim, verifica-se que os mais abordados representam comunidades que se encontram em alto grau de compartilhamento econômico, social e cultural e se mostram mais acessíveis aos pesquisadores.

A distribuição espacial das universidades brasileiras, bem como dos PPGs com projetos voltados para as fronteiras, é um elemento configurador dessa realidade. As regiões sul, sudeste e centro-oeste são responsáveis pela quase totalidade das teses e dissertações encontradas. Ou seja, são regiões do Brasil que se encontram geograficamente próximas das fronteiras internacionais. Das treze Universidades que apresentaram estudos de mídia e fronteiras⁷, sete são da região sudeste e correspondem a doze trabalhos; quatro são da região sul e contribuíram com dez produções; uma universidade do nordeste é responsável por uma produção; outra do centro-oeste possui dois trabalhos (MÜLLER et al, 2017). Verifica-se um intenso movimento de pesquisadores vinculados a Programas do sudeste em direção às fronteiras e no sul, território diretamente ligado às fronteiras internacionais, um possível reconhecimento dessa localização e assim ampla contribuição em termos de quantidade de teses e dissertações dedicadas aos fenômenos de mídia e fronteiras. O predomínio de

7 O mapa das universidades que originaram os estudos, bem como os dados de cada publicação estão disponíveis em: https://www.tripline.net/trip/Cartografia_dos_estudos_de_m%C3%ADdia_e_frenteira_no_Brasil%3A_origem_dos_estudos_%28Programas_e_Universidades%29-0462042666411014BE6C8DE4BE9AA461

produções oriundas de instituições dos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo evidencia o interesse de docentes que atuam em cursos de mestrado e doutorado nestes estados em trabalhar com a temática. Quanto à localização dos PPGs, a concentração regional encontrada favorece o acesso às fronteiras das regiões centro-oeste e sul do Brasil em detrimento da região norte, de onde poucos mestrandos e doutorandos se deslocaram para pesquisas em regiões de fronteiras internacionais, ou se dedicaram ao tema.

Figura 1: Origem dos estudos sobre mídia e fronteiras no Brasil



Fonte: Müller et al, 2018, elaboração das autoras no aplicativo de georreferenciamento Tripline.

O segundo elemento que se configura em resultado da pesquisa “Mídia e Fronteiras: Cartografia dos Estudos no Brasil” é o apontamento das mídias que foram objeto dos estudos. Das vinte e cinco produções, oito têm como objeto empírico jornais impressos, quatro produções com rádio, três estudos de televisão, um estudo com revistas de circulação nacional, um filme e um documentário, cinco estudos do jornalismo na web, um estudo de observação etnográfica de uma cidade e que envolve variadas mídias (televisão, jornal impresso e online, e rádio) e uma reflexão acerca do intercâmbio cultural latino-americano através do tango (MÜLLER et al, 2017). O exercício de análise apontou os jornais impressos como os meios de comunicação mais estudados, seguidos do jornalismo online, rádio e televisão. De modo mais discreto, mas também presente, especialmente para abordagem de cultura, produtos midiáticos como música, filme e documentário complementam o conjunto identificado como objeto empírico (MÜLLER et al, 2017).

É pertinente considerar que se trata de um período de forte transformação da estrutura do jornalismo, bem como de mudanças nos hábitos de consumo de informação. Assim, contrariando um movimento de amplo interesse da academia pelos dispositivos digitais, especialmente a partir do início da segunda década do milênio, os jornais impressos destacam-se na temática abordada no presente texto. O que indica a importância e a circulação desse meio de comunicação nas comunidades fronteiriças.

No recorte temporal do *corpus* da pesquisa, que compreende o período de 2000 a 2015, o ano de publicação das produções mostra que os jornais impressos se mantiveram pertinentes aos estudos de mídia e fronteiras durante os dezesseis anos que compõem o levantamento (MÜLLER et al, 2016). Já os estudos de fronteiras dedicados ao rádio foram identificados na primeira década do século XXI, sendo objeto de pesquisas entre 2000 e 2009, enquanto telejornalismo, cinema e documentário aparecem a partir

de 2008. Em consonância com o período em que se intensificam as transformações da prática jornalística geradas pela ampliação do acesso à internet e a ferramentas digitais de comunicação e informação, as investigações de mídia e fronteiras voltadas ao webjornalismo aparecem em 2012 e se mantém até 2015. Nesse período foram produzidas também uma pesquisa com revista, um estudo com observação etnográfica e ainda uma abordagem intercultural através do tango. Ou seja, estudos de rádio, televisão e webjornalismo foram gradativamente sendo inseridos no mapa acadêmico de estudos de fenômenos midiáticos relacionados às fronteiras internacionais brasileiras, e somente o jornal impresso se manteve ao longo de todo o período.

Sabendo-se onde estão os estudos, a que espaços fronteiriços se dedicam e quais mídias são tomadas como objetos empíricos, pode-se identificar as perspectivas que têm atraído os programas de pós-graduação, bem como a contribuição e o retorno que as instituições de ensino têm dado à sociedade em termos de reflexão sobre seus contextos, assim como as mídias de maior interesse e a dinâmica de produção de conhecimento através da leitura sobre a composição midiática fronteiriça, seus usos, pautas, representações, etc.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO

A exploração descritiva atesta que o exercício cartográfico permite uma leitura panorâmica da produção acadêmica, colocando em evidência características da disposição dos elementos, ao mesmo tempo em que desloca a pesquisa (ou o pesquisador) para carências e possibilidades acerca dos fenômenos. Ou seja, proporciona a visibilidade de fatores que podem ser interpretados e relacionados às variadas esferas sociais, ao contexto do objeto estudado, e que auxiliam no entendimento das descobertas e na

orientação para o preenchimento de lacunas dos estudos levantados até o momento.

O resultado em questão movimenta-se num universo que foi construído a partir de fenômenos pesquisáveis e, como consequência, aponta novos fenômenos. Pensando especialmente na cartografia como método de conhecimento acerca das teses e dissertações sobre mídia e fronteiras, tem-se a elaboração do que se pode chamar de camadas de dados ou de resultados. Ou seja, a construção de uma base que fornece e abre caminho para que se traga à superfície conexões e desconexões acerca dos fenômenos. Assim, com o aprofundamento processual da pesquisa, o método cartográfico permite chegar a considerações de ordem epistemológica, uma vez que o levantamento dos trabalhos e sua análise são orientados para a prática da pesquisa e para um reconhecimento do campo.

A variedade de formatos de dissertações e teses em termos de elementos, os múltiplos repositórios e ferramentas disponíveis e acessados, o planejamento dos movimentos iniciais do mapeamento, a seleção dos radicais, a limitação do acesso online, a seleção dos dados de cada produção, a criação de categorias de análise e a reflexão sobre os caminhos possíveis para a temática de estudos são processualidades cartográficas que nos levam a compreender a razão pela qual se pesquisa o que se pesquisa, a amplitude de contribuição da comunicação ao fenômeno fronteira, cuja realidade atrai os investigadores ora pela interação própria do lugar, ora pelo caráter institucional gerido pelo Estado-nação, pelo intercâmbio cultural internacional que por vezes extrapola o limite do estatal, bem como pelo fato noticioso que se desloca para a mídia de circulação nacional, sediada por estados não fronteiriços.

O método se fez compatível com o objetivo de localizar as produções e dar sentido ao que os autores se propuseram em conjunto. A cartografia, como exercício constante de atualização, permitiu até o momento a livre organização das etapas do

mapeamento desde a fase de planejamento até a execução e posterior momento de análise, o que é positivo, visto que não engessa o percurso. Além disso, o método orienta para uma leitura aberta, ou seja, para o levantamento e análise de dados extraídos das pesquisas do *corpus* à medida que estes se apresentam e se mostram pertinentes para a compreensão dos fenômenos estudados e da consolidação dos Estudos Fronteiriços do Campo da Comunicação. Trata-se de uma ação estruturada enquanto interesse de pesquisa que necessita de continuidade. Por isso novas categorias de análise vão sendo acionadas durante o percurso, resultando em igualmente novos olhares sobre a produção científica.

Com o exercício, destacam-se teorias, escolas e tendências que orientam o estudo da fronteira internacional enquanto espaço dinâmico, permeado por fatores econômicos, culturais, sociais, políticos ambientais, históricos, cujos desdobramentos de todas essas esferas resultam em produtos midiáticos, em representação jornalística que não se limita aos meios de comunicação da escala local, mas tem desdobramentos em nível regional e nacional, e até mesmo internacional, quando é pautado pelos países vizinhos. A cada novo relato da pesquisa em andamento, publicado em eventos ou revistas científicas, reflexões outras vão delineando o que vêm conformando o conjunto dos estudos de Mídia e Fronteiras.

Toma-se como avanço o conhecimento das produções que estão disponíveis em repositórios online, já que na atualidade os mecanismos digitais têm sido amplamente buscados como fonte de conhecimento teórico e, embora o acesso à internet não seja uniforme no Brasil, no âmbito da estrutura das universidades brasileiras, a realidade atual garante acesso básico. Para pós-graduandos de mestrado e doutorado, bem como professores pesquisadores, faz-se fundamental conhecer os estudos já elaborados e ter conhecimento do material que está disponível online. Embora ainda seja difícil encontrar a produção de um programa de pós-graduação ou universidade totalmente compilada em plataformas na internet,

as produções disponíveis online podem ser consideradas de fácil acesso em relação àquelas que se encontram apenas impressas, sobretudo se pensarmos em um país continental como o Brasil, cujo desenvolvimento do ensino superior cada vez mais engloba universidades que se localizam em centros urbanos menores e mais marginais. Assim, compreende-se a limitação atual do acesso aos arquivos disponíveis na internet como algo que vem sendo pouco a pouco corrigido, mas que ainda merece atenção das instituições acadêmicas. De todo modo, a fim de ampliar o recorte temporal e o fôlego da pesquisa *Mídia e Fronteiras*, em andamento, é preciso retomar o acesso às produções não disponíveis em repositórios online. Por isso, o processo desperta ainda o reconhecimento de se estar trabalhando com um recorte da realidade de produção acadêmica, o que igualmente incide no limite da pesquisa.

Desse modo, novos interesses despertam passos futuros da pesquisa. Nos próximos textos, pretende-se retomar a reflexão acerca de conceitos, com proposições conceituais de fronteira a partir do *corpus*, ou ainda sobre a elaboração ou aprimoramento dos métodos apropriados nos estudos analisados. Ademais, há que se considerar a configuração que possuem os meios de comunicação e os aparatos midiáticos da fronteira.

Outro tema que vem sendo explorado no conjunto dos estudos é a migração, em que são analisadas novas categorias e olhares com recortes mais específicos, buscando a contribuição dos pesquisadores da comunicação para a questão. Nesse sentido, é exemplo de fenômeno que, assim como outros, diz respeito à humanidade, perpassa a realidade das fronteiras internacionais e se coloca como desafio para diferentes áreas do conhecimento.

Dados do presente texto apontam para concentração dos estudos sobre mídia e fronteiras do centro-oeste para o sul. Sabe-se das diferenças de vegetação e características populacionais que diferem o povoamento nas fronteiras do norte (mata, rios, povoados distantes etc), no entanto não sabemos claramente a dimensão

no que tange ao contato fronteiriço e à produção/circulação de mídias locais em cidades-gêmeas e outros pontos de conexão nas fronteiras internacionais. Conhecer essas realidades permite a construção de inferências acerca de resultados da pesquisa e ainda a possibilidade de conexões e outras perspectivas a serem exploradas. Por isso, considera-se pertinente ainda a realização de um levantamento de toda a mídia fronteiriça brasileira, ou seja, Arcos Sul, Centro e Norte, a fim de comparar a oferta midiática com o reconhecimento dos estudos do que se pode denominar mídia de fronteira.

Poucos pesquisadores têm a preocupação de realizar investigações que acompanhem determinados fenômenos de modo longitudinal como o aqui exposto. Assim, os resultados alcançados até o momento constituem o ponto de partida para a busca de outros aspectos entre os trabalhos analisados, bem como para o desenvolvimento de outras reflexões a respeito dos estudos sobre mídia e fronteiras. Um dos elementos importantes a ser considerado diz respeito à compilação que a pesquisa realiza, delineando o Estado da Arte sobre os estudos que envolvem mídia e fronteiras no Brasil. Na medida em que é realizada a cartografia das dissertações e teses produzidas nos Programas de Pós-graduação brasileiros ligados ao campo da Comunicação, possibilita-se que avanços surjam, enfocando estes espaços e os meios de comunicação que relatam, retratam e participam da construção de culturas e de identidades fronteiriças.

A pesquisa apresenta resultados preliminares e uma reflexão sobre como o método e a própria investigação sobre mídia e fronteiras colaboram para a construção de conhecimentos específicos no campo da Comunicação. O texto esmiuçou o método cartográfico empregado na pesquisa “Mídia e Fronteiras – Cartografia dos Estudos no Brasil” e buscou apontar avanços e percalços investigativos para a construção de um conhecimento específico no campo da Comunicação. Considera-se que a pesquisa

da pesquisa empreendida tem, portanto, papel fundamental na identificação de avanços científicos apontados no *corpus*, uma vez que ajuda a erigir um panorama dos estudos de mídia e fronteiras, estabelecendo categorias analíticas complementares ao tipo de conhecimento científico que vem sendo constituído sobre a temática.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. **A Epistemologia**. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Impesp, 2007.
- BONIN, Jiani. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. In **Revista Famecos**, 15(37), 121-127, Porto Alegre, dez/2008.
- BRASIL. Diário Oficial da União, nº 138, seção 1, ISSN 1677-7042. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=12&data=20/07/2016>>. Acesso em: 14/10/2018.
- BURCKE, Peter. Fronteiras culturais dos primórdios da Europa moderna. In: SCHÜLER, Fernando Luis; BARCELOS, Marília de Araújo. (Orgs.). **Fronteiras: Arte e pensamento da época do multiculturalismo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- CÁCERES, Luis Jesús Galindo. **Comunicología posible**. Hacia una ciencia de la comunicación. México, DF: Universidad Intercontinental, 2011.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Plataforma Sucupira. Cursos Avaliados e Reconhecidos, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/4731US>. Acesso em: 01.05.2016
- COMPOS. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Programas Filiados - Por ano de filiação, 2016. Disponível em: <http://www.compos.org.br/a_compos.php>. Acesso em: 01.05.2016.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, V. 1, 1995.

FUENTES NAVARRO, Raul. La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. (p. 15-40)

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Uma introdução à teoria Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

LEOBETH, Thaís. O rural na mídia impressa local fronteiriça: diferentes formas de abordagem.111f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MACHADO, Lia Osório; HAESBAERT, Rogério; RIBEIRO, Leticia P.; STEIMAN, Rebeca; PEITER, Paulo; NOVAES, André. O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. (Org). **Território sem limites**: estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005. Disponível em: <<http://www.retis.igeo.ufrj.br/wp-content/uploads/2011/07/2005-Territorio-sem-limites-TCMO.pdf>>. Acesso em: 20/02/2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MAZER, Dulce. Retórica do passeio: a cartografia de cenas musicais como método de pesquisa. In: **Anais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR, Brasil, 2017.

MÜLLER, Karla; LEOBETH, Thaís; STRASSBURGER, Tabita; OLIVEIRA, Ariadne. Mídia e Fronteiras – Cartografia dos Estudos Fronteiriços: pesquisas do campo da Comunicação – primeiras análises. **Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras**. Vol 3, 2017 (p. 51-70).

MÜLLER, Karla Maria; GERZSON, Vera Regina Serezer; RADDATZ, Vera Lucia Specil; SOARES, Marcelo Vicente Câncio. Comunicação e Integração Latino-Americana: a participação da mídia local na construção da cultura e da identidade fronteiriça. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Vol.12, nº 02, maio-agosto 2010 (p.116-125). Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/4673>>.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Rádio de fronteira:** da cultura local ao espaço global. 2009. 188f. Tese. (Doutorado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.